

■ DORA KRAMER

O estilo faz o homem

Grassa na República a certeza de que agora vai. O presidente Fernando Henrique Cardoso teria realmente chegado aos brios com a audácia – que, justiça seja feita, não é prerrogativa exclusiva do PMDB – e a ineficácia generalizadas governo adentro. Rezam as apostas que ele precipitará mudanças que engendrava mais lentamente e que, eis o ponto-chave, mudará o estilo.

E quem diz isso não torce apenas nem conhece o presidente à distância. Atestam todos, sim porque não são poucos, que Fernando Henrique não tem escolha: ou muda ou perde a guerra da aparência que, em sociedade de massa que se move por símbolos, faz toda a diferença. Engrandece ou desmoraliza com a mesma intensidade.

É possível que os apostadores estejam sabendo realmente o que dizem, mas o passado recente não os autoriza nem credencia a nada além da esperança. Pelo simples fato de que o que pauta as atitudes (ou a falta delas, muitas vezes) do presidente – e, de resto, do gênero humano – é o estilo de ser.

O que soa como dubiedade, o que de fato é uma opção para que os problemas se resolvam por geração espontânea, faz parte da personalidade dialética do presidente que, aos 68 anos de idade, dificilmente mudará. Pode até ser que ele anuncie medidas, reformas de impacto. Mas um novo estilo não tem de onde tirar. Almas não se inventam, não se reformam nem estão à disposição nas melhores casas do ramo.